

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

F8F-810 -01-0368

Incompreensão

Primeiro o mundo se dobrou a seus ensinamentos; agora o Brasil eterniza Paulo Freire

Belota-milho-expresso-xiquexique – voto – povo – sapato – chibanca – salina – goleiro – tigela – cozinha – jarra – fogão – bilro – almofada – feira. São exatas 17 palavras. A primeira delas, “belota”, que nem sequer aparecia nos dicionários, significa o mesmo que bolota; “xiquexique” é um arbusto típico da caatinga nordestina e “chibanca”, uma espécie de picareta com que se arrancam tocos de árvore. “Bilro”, por sua vez, é a peça de madeira usada para fazer renda com almofadas e “salina”, o lugar onde se produz sal mediante a evaporação da água do mar. São, todos, vocábulos do universo rural que nos remetem a Angicos, uma pequena cidade do Rio Grande do Norte. Foi ali, no sertão potiguar, que, em janeiro de 1963, uma equipe de psicolinguistas, sociólogos e pedagogos do Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife, liderados pelo filósofo e educador pernambucano Paulo Freire (1921-1997), selecionou as palavras-chave, também conhecidas como “geradoras”, que, associadas à projeção de imagens ilustrativas do significado de cada uma delas, deram início a dois processos: juntamente com uma nova forma de alfabetizar adultos – que dispensava as cartilhas nas quais Ivo “viu a uva”, mas não motivava ninguém a aprender –, nascia uma revolucionária concepção de educação. De acordo com ela, o educando, em vez de ser tratado como ignorante diante de um professor sábio, é reconhecido como um ser humano portador de conhecimentos e merecedor de respeito, por meio de um diálogo que leve em

conta seus interesses e pressupostos.

Agora, com a sanção da presidente Dilma Rousseff à lei que declara Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira, e quando suas ideias são discutidas, estudadas e aplicadas no mundo todo, é quase consensual o entendimento do ensino como ato coletivo, solidário e de amor, que, em vez de ser imposto, deve representar uma troca entre pessoas autônomas. Estava longe de ser assim, porém, no auge da Guerra Fria – protagonizada por americanos e soviéticos nos anos 1960 –, quando o então governador do Rio Grande do Norte, Aluizio Alves, decidiu empregar no combate ao analfabetismo parte das verbas que recebera da Aliança para o Progresso (programa de ajuda criado pelos Estados Unidos para afastar a América Latina do comunismo).

A experiência pioneira de Angicos foi um sucesso estrondoso. As 17 palavras geradoras, escolhidas dentre cerca de outras 400 anotadas nos diálogos preparatórios como as mais representativas da vida e da cultura locais, eram decompostas foneticamente



e reconhecimento

pelos analfabetos em seus cadernos, como exemplificava o próprio Freire: “‘Belota’ resultava em ba-be-bi-bo-bu, la-le-li-lo-lu e ta-te-ti-to-tu. Da combinação entre as famílias fonéticas surgiam outras palavras, como ‘lata’, ‘lobo’, ‘tolo’. Porque se apropriava desse mecanismo, o analfabeto se alfabetiza com rapidez”.

A velocidade, de fato, foi assombrosa e, por questões óbvias, logo se transformou em notícia: 300 analfabetos tinham aprendido a ler e a escrever em pouco mais de 45 dias? O efeito só podia ser bombástico num país em que os iletrados eram proibidos de votar, razão pela qual em uma população de 34,5 milhões de habitantes com mais de 18 anos somavam apenas 15,5 milhões os eleitores. Assim, quando o governo federal decidiu encampar a experiência e estendê-la a todo o

país, as oligarquias entraram em pânico: entre junho de 1963 e o fatídico mês de março de 1964, milhares de coordenadores estavam sendo formados para o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a instalação de 20 mil círculos de cultura (como eram chamados os grupos alfabetizadores), capazes de formar 2 milhões de alunos-eleitores até o fim daquele ano. Em especial no nordeste, com 15 milhões de analfabetos entre 25 milhões de habitantes, a iniciativa mesclava-se com a criação de sindicatos rurais e urbanos e com a luta pela reforma agrária.

A capacidade de conhecimento ampliada pela leitura despertava a consciência secularmente adormecida dos trabalhadores em relação a seus direitos, ao mesmo tempo em que levava à ira latifundiários e reacionários de todas as latitudes. Não é de se estranhar, portanto, que, após desbancar do poder o presidente João Goulart, o golpe civil-militar tenha desmantelado, logo nos primeiros dias da ditadura, a construção de Paulo Freire. Durante os 70 dias em que esteve preso no Recife, o educador foi interrogado pelo tenente-coronel Hélio Ibiapina, responsável também pela prisão do líder comunista Gregório Bezerra, barbaramente torturado. Embora tivesse garantido a seu inquisidor que não era

